

O Sítio Lito-Cerâmico SC-AG-40: mais uma peça do quebra-cabeça da arqueologia Kaingang no Sul do Brasil

*Ana Lucia Herberts
Sirlei Elaine Hoeltz
Adelson André Brüggeman
Solange Bezerra Caldarelli*

Resumo

Apresentam-se, aqui, os procedimentos empregados, em campo e em laboratório, para a avaliação, resgate e análise de um sítio arqueológico localizado durante o levantamento arqueológico da área do canteiro de obras da UHE Barra Grande, na margem direita do Rio Pelotas. As pesquisas realizadas evidenciaram um sítio residencial a céu aberto, componente de um amplo e diversificado sistema de assentamento de antepassados dos indígenas historicamente conhecidos como Kaingang, que ocuparam e exploraram ambas as margens do Rio Pelotas. A cultura material, característica do que se convencionou denominar Tradição Taquara, é constituída por artefatos cerâmicos tipológica e funcionalmente diversificados (que incluem vasilhames variados e tortuais de fuso) e por artefatos líticos produzidos por lascamento ou utilizados em sua forma bruta (percutores e alisadores de cerâmica). No artigo, ressalta-se a significância da indústria lítica como elemento definidor da identidade cultural das populações indígenas pré-coloniais do sul do Brasil, à qual deve ser dada tanta importância quanto à indústria cerâmica, tradicionalmente privilegiada nas publicações especializadas.

Palavras-chaves: Arqueologia Kaingang; Rio Pelotas; Tradição Taquara.

Introdução

Este artigo apresenta os procedimentos empregados, em campo e em laboratório, para a avaliação, resgate e análise de um sítio arqueológico localizado durante o levantamento arqueológico da área do canteiro de obras da UHE Barra Grande, na margem direita do Rio Pelotas (Sítio SC-AG-40).

As pesquisas, realizadas em múltiplas etapas: levantamento do canteiro de obras; resgate do canteiro de obras; levantamento do reservatório e resgate do reservatório demonstraram a complexidade arqueológica da área de estudo, que, anteriormente à colonização do Brasil pelos portugueses, foi certamente ocupada ao menos por duas populações cultural e cronologicamente distintas. Em um período mais recuado, a área foi ocupada por populações indígenas caçadoras-coletoras, produtoras de uma indústria lítica que ficou conhecida na literatura arqueológica como Tradição Umbu. Tal constatação se fez a partir das características do material lítico evidenciado em dois sítios específicos (SC-AG-24 e SC-AG-97B), o qual apresentava-se técnica e tipologicamente diferenciado do material lítico evidenciado nos demais sítios, acrescido de uma ocupação do território também diferenciada.

Os demais sítios, tanto na margem direita quanto esquerda do Rio Pelotas, parecem fazer todos parte de uma ocupação da área mais recente e bastante ampla, tanto espacial quanto temporalmente, por populações indígenas ceramistas pertencentes ao que se convencionou denominar de Tradição Taquara, que agrupa os vestígios materiais de antepassados das populações indígenas Kaingang.

A intenção deste artigo, no entanto, não é entrar na discussão mais ampla da área de estudo, que deverá ser proximamente objeto de uma publicação sobre a totalidade das pesquisas realizadas, mas apresentar os resultados do estudo de um sítio específico: o Sítio João Roque Vingla IV (SC-AG-40).

Procedimentos de resgate

O sítio João Roque Vingla IV (SC-AG-40) encontra-se implantado em uma encosta de colina coberta por capoeira, que foi utilizada como potreiro para gado. O sítio lito-cerâmico foi descoberto quando da avaliação de um conjunto de aterros, objetivando verificar se se tratavam de estruturas construídas ou naturais. A partir dos resultados da avaliação, onde constatou-se material cerâmico e lítico sob o aterro na quadrícula do poço teste, decidiu-se proceder à escavação de uma área de 16m^2 ($4\text{m} \times 4\text{m}$), em quadrículas de $1 \times 1\text{m}$, em níveis artificiais de 10cm, registrando por meio de desenho todos os vestígios localizados em cada nível escavado.

Durante a escavação da área quadriculada de 16m^2 , observou-se que nas extremidades desta área, ou seja, nos arredores do aterro (montículo), o material arqueológico era evidenciado já nos primeiros níveis, enquanto que no aterro, na parte mais elevada, o material arqueológico aparecia somente após a retirada de uma camada argilosa “pegajosa” de cor avermelhada, no nível 40-50cm.

Na área onde não havia o aterro, a ocorrência de material arqueológico rareava a partir do nível 30-40cm. Também se observou uma grande concentração de raízes nas quadrículas B2 e B3, justamente aquelas com maior elevação em relação ao relevo do terreno. Assim que foi retirada essa camada com raízes, o material arqueológico foi evidenciado. Com base nessas observações, pode-se afirmar que o aterro não correspondia a uma estrutura arqueológica do tipo montículo, mas ao resultado de um processo pós-deposicional; portanto, a formação do aterro é posterior à formação do sítio arqueológico.

A densidade de material arqueológico foi muito elevada na área escavada de 16m^2 , constatando-se que o material arqueológico provavelmente ultrapassava a área correspondente ao aterro. Para testar tal hipótese, foram demarcadas quatro trincheiras orientadas segundo os quatro pontos cardeais. Inicialmente, foram demarcadas trincheiras com 10m de extensão e largura de 25cm. O objetivo da

execução destas trincheiras foi verificar a área total de abrangência do sítio e identificar a área de concentração do material arqueológico, para proceder ao resgate do mesmo.

Como a ocorrência de material arqueológico não cessou na extensão dos 10m, foi necessário ampliar a extensão das trincheiras em mais 10m, totalizando 20m de extensão em cada ponto cardeal. As trincheiras foram escavadas até 50cm de profundidade, podendo-se verificar a ocorrência de vestígios arqueológicos principalmente até 30cm. A escavação das trincheiras confirmou a existência de um sítio lito-cerâmico, no qual os vestígios arqueológicos não se relacionavam com a área do aterro, embora estivessem encobertos parcialmente por ele.

A área total foi dividida em quatro setores de escavação, nomeados segundo os pontos colaterais (NE, NO, SE e SO), no qual cada setor se localiza entre duas trincheiras. Cada setor foi demarcado numa área inicial de 13x13m, em quadriculas de 1m². Além das 04 quadriculas escavadas anteriormente, foram selecionadas 25% do total para o resgate arqueológico, ou seja, em cada 04 quadriculas uma foi escavada, segundo o modelo de amostragem sistemática (Orton, 2000). Observou-se sempre a mesma disposição da quadricula a ser escavada, como, por exemplo, no modelo: quadricula esquerda inferior.

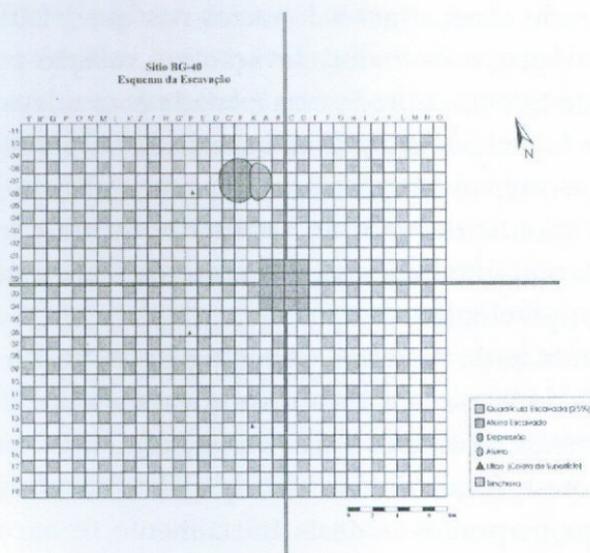


Figura 1: Esquema de escavação do sítio SC-AG-40

A área inicial demarcada para escavação foi sendo ampliada na medida da necessidade, até rarear a ocorrência de material arqueológico. As dimensões do sítio, após a escavação, foram de 34x30m, totalizando uma área de 1.020m². Para confirmar o perímetro final do sítio, foram realizados ainda transects, assim distribuídos: 04 transects orientados conforme os pontos cardeais, extensão das trincheiras e 04 transects conforme os pontos colaterais, intermediários aos cardeais, no ângulo de 45°. Em cada transect, foram realizados testes de enxada, com dimensões aproximadas de 50x50cm, profundidade de 30cm, equidistantes 2m entre si. Os testes de enxada não revelaram nenhuma outra área de ocorrência de vestígios arqueológicos, que justificassem a ampliação da área total de escavação, somente alguns vestígios isolados.



Vista geral da escavação do aterro.



Vista geral do resgate arqueológico (25% das quadrículas escavadas).

Estudo do material cerâmico

O processo de análise do material cerâmico constou da avaliação de uma série de critérios tecno-tipológicos sintetizados numa "Lista de Atributos para Análise Cerâmica", adaptada para o material cerâmico em questão. Esta lista foi organizada em quatro grupos principais de atributos: informações básicas, modo de produção, acabamento de superfície e morfologia; estes atributos estão subdivididos em itens com as respectivas variações.

Os critérios tecno-tipológicos, conforme a terminologia arqueológica adotada, estão baseados em Chmyz (1966 e 1969), La Salvia & Brochado (1989) e Souza (1997).

No sítio SC-AG-40, foi coletado um total de 3.714 fragmentos cerâmicos que, remontados e agrupados em conjuntos, reduziram-se a 3.023 peças/conjuntos, provenientes da escavação por amostragem acima descrita.

Diante da alta densidade de material cerâmico neste sítio e do tempo reduzido para análise, optou-se por realizar amostragem dos fragmentos cerâmicos mais significativos para análise de todos os atributos, quais sejam, bordas, bases e bojos decorados, ou seja, excluindo a categoria bojos simples, a mais abundante quantitativa e menos qualitativa rica em informações, pois os dados seriam redundantes. Os bojos simples foram somente contabilizados, a fim de tabular a sua representação real no item natureza da peça.

A amostragem, entendida com uma "técnica para examinar parte do material disponível com o objetivo de se fazer afirmações sobre o conjunto total do material" (MELLO, 1999, p. 154), é freqüentemente empregada na arqueologia. No estudo do material cerâmico do sítio SC-AG-40, a seleção dos fragmentos mais representativos, as bordas, as bases e os decorados proporcionou uma amostra de 19,22% do universo, diante de 80,78% de fragmentos de bojos simples.

Os dados obtidos na análise do material cerâmico em laboratório deste sítio permitiram verificar que, no modo de produção, a técnica de confecção mais utilizada era a do tipo modelado, com 51,47% dos fragmentos. O acordelado totalizou 24,70%. Os indefinidos (23,83%) são representados por aqueles fragmentos de dimensões muito pequenas, onde não foi possível identificar nem mesmo o tipo de fratura.

No item pasta, constatou-se que o antiplástico ou tempero era mineral em 100% dos fragmentos, com espessura fina, ou seja, menor que 5mm. Em somente 5 fragmentos o mineral era do tipo grosso, com espessura superior a 5mm. O antiplástico era composto por minerais da região, principalmente por quartzo (hialino, bran-

co, leitoso e amarelado), calcedônia (branca, amarela, laranja e vermelha), óxido de ferro, hematita, mica e basalto.

A queima, na maior parte dos fragmentos (44,73%), era do tipo oxidação total. Isto indica que o processo de queima deu-se em atmosfera com entrada prolongada de oxigênio, pois a pasta estava clara em toda a sua espessura, caracterizando-se por vasilhas frágeis. A queima redutora parcial, ou seja, com oxidação parcial, onde o perfil do fragmento apresenta um miolo escuro com faixas claras em ambas as faces ou em uma face, seja externa ou interna, pois a oxidação ocorre da superfície em direção ao miolo, e neste caso não há o clareamento total, representou 34,89%. A redutora total foi de 20,38%. Os demais casos foram do tipo oxidação externa e interna com presença de núcleo (17,27%), oxidação externa com núcleo interno (13,47%) e oxidação interna com núcleo externo (4,15%).

A espessura máxima dos fragmentos variou de 0,3cm a 1,4cm, estando o maior número de fragmentos entre a faixa de 0,5cm e 0,7cm. Os dados tabulados foram filtrados, cruzando o atributo base x espessura, podendo-se observar o aumento da quantidade de fragmentos ou conjuntos proporcionalmente à espessura máxima, comprovando que as bases possuíam, em geral, espessura maior que o bojo.

A dureza foi de < 3 em 41,80%, grau 3 em 52,85% e não identificados totalizaram 5,35%.

O estado de conservação, na maioria dos fragmentos cerâmicos (78,41%), é muito bom, ou seja, a superfície não está erodida. Os fragmentos classificados como missing, aqueles que possuem ambas as faces totalmente erodidas, impossibilitando analisar os itens relativos ao acabamento da superfície, foi de apenas 3,28%. Foram classificados também fragmentos com uma face parcialmente erodida, podendo ser face interna ou face externa.

No tratamento da superfície, foram identificados barbotina, brunidura e alisamento na superfície dos fragmentos cerâmicos. Não se constatou o engobo. O alisamento apresentou-se em ambas as faces em 76,86%, na face externa em 10,36% e na face interna em 11,05% dos fragmentos. O índice de não identificável e ausente, por sua vez,

foi de somente 1,73%. Para os casos onde uma das superfícies estava erodida, não foi possível verificar se houve alisamento na superfície, podendo estar distorcido o número de alisados na face externa e na face interna, aumentando neste caso provavelmente a quantidade de fragmentos com alisamento em ambas as faces.

A brunidura foi constatada na superfície de 17,96% dos fragmentos, sendo na face externa em 7,77%, na face interna em 9,5% e em ambas as faces em somente 0,69%. Em alguns casos, quando o fragmento era parte de uma vasilha ou perfil completo, era possível verificar que a brunidura não era total, havia lacunas em que a superfície não possuía o aspecto de cor preta e lustrosa, características deste tipo de tratamento, feito após a queima.

A barbotina foi identificada em ambas as faces dos fragmentos em 98,27%, na face interna em 1,21% e na face externa em 0,32%. Provavelmente, a totalidade dos fragmentos possuía barbotina, no entanto, devido aqueles em que uma das superfícies sofreu processo de desagregação, este atributo não foi possível de ser avaliado.

Marcas de uso foram constatadas na superfície de 35,41% dos fragmentos. Em 2,07% apresentou-se queima em ambas as faces, em 17,10% fuligem na face externa, 11,40% na face interna e em 4,84% foi possível identificar restos de alimentação carbonizados no interior, semelhantes a uma "crosta preta".

A decoração era, na maioria dos fragmentos cerâmicos (93,81%), do tipo simples, isto é, não decorada, e com decoração plástica em 6,2%. A decoração plástica apresentou uma gama de padrões, representados, principalmente, pelas variações do inciso, conforme o gráfico 17, seguido do ungulado, ponteadado, carimbado, pinçado e estoçado. A decoração plástica, como é típico da Tradição Taquara, foi identificada somente na face externa dos fragmentos.

O motivo ungulado apresentou-se orientado verticalmente, segundo o eixo longitudinal da peça. Não houve variantes deste motivo, somente foi constatado em muitos fragmentos tratar-se de decoração zonal, ou seja, o motivo foi aplicado em uma faixa da vasilha e não em toda a sua superfície.

O motivo inciso zig-zag possuía variedade em sua apresentação estética e, conseqüentemente, em sua confecção. Em alguns motivos, as linhas incisas oblíquas eram compridas e em outras curtas. A regularidade e a distância das incisões foi outra diferença observada. Em alguns fragmentos, o padrão das incisões foi realizado tão junto que em sua reprodução houve dificuldade de traçar as linhas separadamente. Aos fragmentos com decorações variantes do inciso losangulado denominou-se de inciso losangulado com linhas paralelas sobrepostas. Sua aparência sugere a sobreposição de conjuntos de linhas paralelas em vários sentidos, pois possuem regularidade na distância dos traços.

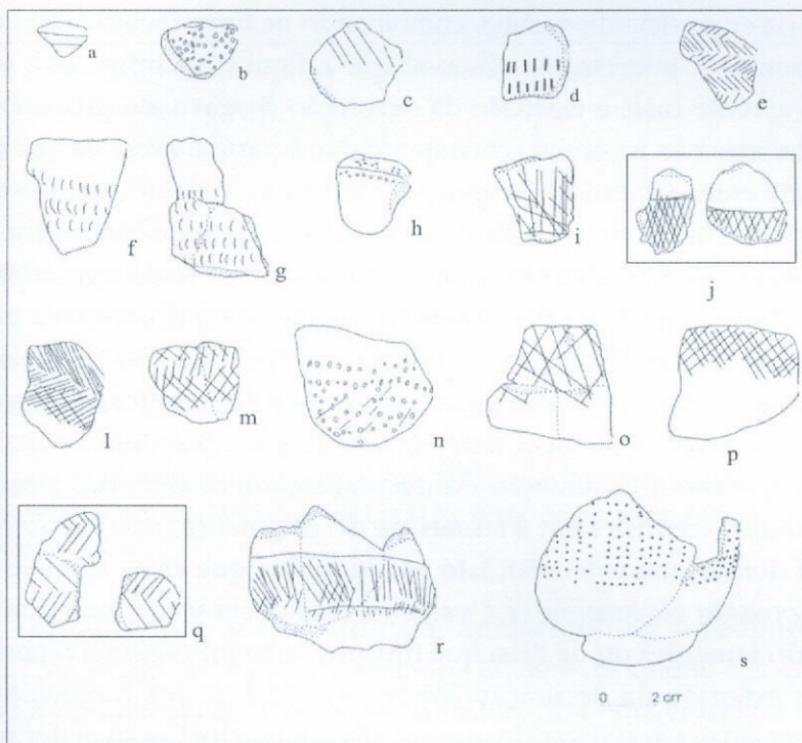


Figura 2: Tipos de decoração: inciso paralelo (a), ponteadado (b), inciso oblíquo (c), estocado retangular vertical (d), inciso zig-zag (e, q), ungulado vertical (f, g), ponteadado e inciso paralelo (h), inciso losangulado com linhas sobrepostas (i, o), inciso losangulado (j, p), inciso zig zag e losangulado (l), inciso losangulado e oblíquo (m), ponteadado e inciso oblíquo (n), inciso oblíquo e horizontal (r) e carimbado (s). Desenho: Ana Lucia Herberts. Arte gráfica: Alexandre Afonso de Souza.

Os fragmentos com decoração plástica incisa losangulada caracterizam-se pelo entrecruzamento de linhas oblíquas para a direita e para a esquerda, formando um xadrez losangulado. As variações constatadas foram no comprimento das incisões e na equidistância das linhas. Em alguns fragmentos, ficou evidente a decoração ser zonal, caracterizada por uma faixa decorada na vasilha, não cobrindo toda a sua superfície. As demais decorações foram: incisa paralela horizontal, estocada retangular vertical, pontuada, carimbada e incisa xadrez.

Na figura 2, o motivo "r" refere-se a um fragmento de bojo, onde foi possível verificar uma faixa decorativa zonal que cobre em torno de 25% da superfície da vasilha, combinando os tipos incisos oblíquo e horizontal. É interessante observar que a figura "s" refere-se a uma base e, neste caso, a extensão da decoração chegava até próximo do fundo, mas não na porção correspondente à parte da vasilha que tem contato com superfície de apoio. O motivo carimbado nesta peça é semelhante ao pontuado, distinguindo-se pelo fato de haver uma sequência de perfurações repetidas, sugerindo tratar-se de um carimbo.

Houve ainda a combinação de dois padrões decorativos plásticos em uma mesma peça. A intencionalidade do uso de mais de um padrão decorativo em uma mesma peça, foi verificada em vários fragmentos. Neste caso, também a decoração apresentou-se zonal.

Quanto à localização da decoração, em 57,69% das peças a decoração cobriria toda a superfície do fragmento, não sendo possível definir sua extensão. Isto não significa que estes fragmentos não possam corresponder a vasilhas com decoração zonal. Em razão do tamanho ou da área que fraturou, não foi possível reconhecer a extensão da decoração. Porém, em 42,31% dos fragmentos a decoração era zonal, sendo que em 40,66% não foi possível definir a extensão e em 1,65% está cobria uma superfície de 25% do total.

É interessante observar que nas vasilhas que foram reconstruídas graficamente, a porção decorada correspondia a uma faixa cobrindo aproximadamente 25% da superfície total, como se pode ver na figura 3.

No cômputo geral do material cerâmico deste sítio, 81,83% dos fragmentos ou conjuntos eram bojos, 11,91% bordas, 1,36% bases, 0,17% perfis completos e 5,19% indefinidos.

Dos 365 fragmentos correspondentes a bordas ou perfis completos, as formas registradas foram as seguintes: direta vertical (31,59%), direta inclinada externa (30,77%), direta inclinada interna (0,27%), extrovertida vertical (2,75%), extrovertida inclinada externa (2,20%) e em 32,42% não foi identificável. A quase totalidade dos fragmentos cerâmicos (96,43%) não possui reforço na borda, seja externo ou interno. Em somente 0,27% foi identificado reforço externo, porém duvidoso. Em 3,30% não foi possível avaliar tal critério.

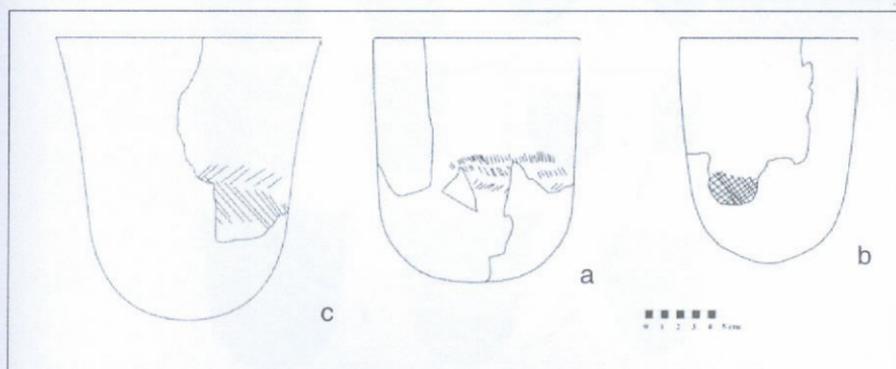


Figura 3: Vasilhas reconstituídas com decoração zonal: inciso oblíquo (a, c) e inciso losangulado (b). Desenho: Ana Lucia Herberts. Arte gráfica: Alexandre Afonso de Souza.

O lábio, por sua morfologia, apresentou-se: arredondado (55,77%), plano (17,86%) e apontado (21,98%). Somente em 4,40% não foram identificadas as formas do lábio, pois em geral estes estavam com o lábio erodido, colocando em dúvida a distinção do tipo.

Das 41 bases, em apenas 17, que representavam 40,48% do total, foi possível definir com certa segurança a forma, e, neste caso, apresentaram-se arredondadas. Não foi identificada outra forma. O alto índice de fragmentos inclassificáveis deu-se por conta do tamanho ou da situação da fratura, que dificultava verificar este atributo.

Em algumas bordas, identificou-se um acabamento diferente do comumente observado na borda, como se pode constatar na figura 4. Tom Miller (1978), quando documentou a tecnologia cerâmica entre os Kaingang do estado de São Paulo, constatou duas vasilhas com tal acabamento, que denominou de "borda pinçada, ondulada, obviamente produto de aculturação" (Miller, 1978, p. 15).

A presença de furo de suspensão foi verificada em apenas um fragmento cerâmico de borda, realizado a 1,8cm de distância da boca. O furo tem forma circular, com dimensões de 1,1cm na face externa e 0,7cm na face interna. Foi confeccionado através do desgaste provocado por objeto pontiagudo, após a queima. O desgaste foi provocado no sentido da face externa em direção à face interna da vasilha.

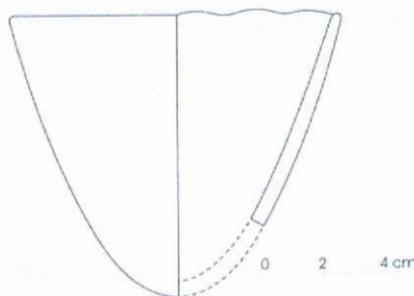


Figura 4: Vasilha reconstruída graficamente com borda ondulada

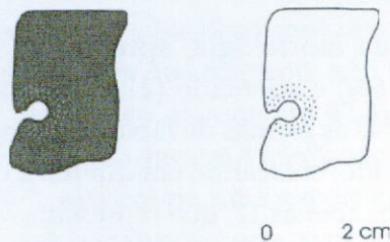
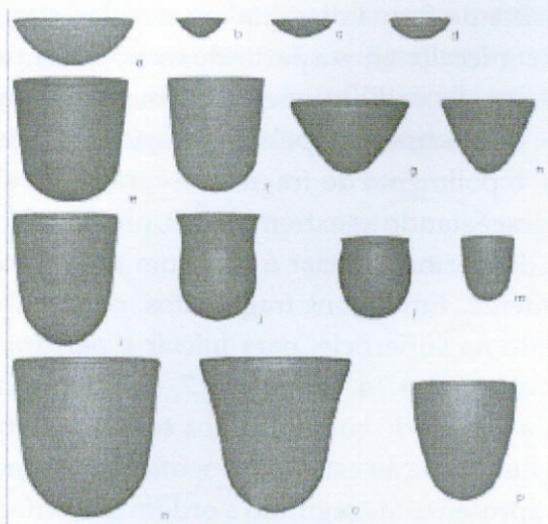


Figura 5: Borda com furo de suspensão

A variação do diâmetro das bordas foi de 6cm a 34cm. Obteve-se um índice muito elevado (196) de fragmentos de borda para as quais não foi possível medir o diâmetro, devido, principalmente, a pouca largura da borda. Outro problema foi a questão das bocas de tamanho grande, em geral com medidas superiores a 15cm, e ser impossível precisar com segurança o diâmetro da boca, em decorrência de ângulos retos.

Figura 6: Sítio SC-AG-40: Vasilhas reconstruídas graficamente em 3D



Formas: meia calota (a-c), meia esfera (d), cilíndrica (e-f), cônica (g-h), elipsóide (i-p) e semi-ovóide (q-t). Desenho: Ana Lucia Herberts. Arte gráfica: Alexandre Afonso de Souza.

Tal situação também dificultou a reconstrução gráfica da forma das vasilhas; por isto, o número pequeno de reconstruções (4,95%) diante do total de bordas. Portanto, as tabulações realizadas para as vasilhas reconstruídas não refletem o universo do sítio, devendo ser consideradas a título de ilustração, pois podem ter desvios e falsear conclusões. Das 18 vasilhas reconstruídas graficamente, 89% possuíam contorno simples e 11% inflectido. As formas das vasilhas reconstruídas foram: meia esfera (5,56%), cônica (5,56%), elipsóide (33,33%), meia calota (16,67%), semi-ovóide (27,78%) e cilíndrica (11,11%).

Mesmo com um número considerável de bordas, somente 18 vasilhas foram passíveis de terem sua forma reconstruída, portanto não é possível fazer generalizações, pois estas representam somente 4,95% do total de bordas. Observou-se que há uma boa representação de todos os tipos de formas características da Tradição Taquara. Notou-se também que os vasilhames possuíam variações de dimensões e conseqüentemente de volume, contendo entre 35ml e 5.927ml.

Neste sítio, foram coletados ainda 07 tortuais de fuso. São rodelas de cerâmica de forma discoidal ou circular, com um furo no centro. Foram confeccionados a partir do reaproveitamento de fragmentos cerâmicos de vasilhas que se quebraram. Isto se constata pelos vestígios de alisamento e pela inclinação da parede. A técnica empregada foi o polimento do fragmento cerâmico até obter a forma desejada, desgastando as extremidades, procurando arredondá-las. Poderiam dar forma e iniciar o furo com um picoteamento anterior ao polimento. Em alguns fragmentos, constataram-se sinais de picoteamento na superfície, para iniciar a perfuração da peça, como nos tortuais "c" e "d" na figura 7. É interessante observar, neste quadro, a cadeia de confecção dos tortuais de fuso, ou seja, todas as fases de produção estão representadas na amostra. Os desenhos foram apresentados segundo a ordem de confecção, em fase de confecção aos concluídos, respectivamente do superior ao inferior. O tortual "a" encontra-se em fase de confecção. O único sinal detectado, de que não se trata de um simples fragmento cerâmico, é o desgaste das extremidades, o polimento, buscando dar uma forma arredondada. A peça "b" também está em processo de confecção. A forma já está praticamente circular e o furo foi iniciado na face externa, mas não concluído. Observa-se que a largura do furo inicia-se maior e diminui à medida que aprofunda, como um "funil". Os mesmos aspectos são verificados na peça "c"; no entanto, os furos não foram realizados; somente há sinais de início de perfuração na face externa, com pequenas marcas de picoteado. No caso do tortual de fuso "d", que está no último estágio de confecção, a forma é completamente circular, não havendo aristas. No entan-

to, o furo está incompleto, pois em ambas as faces a perfuração foi apenas iniciada.

Nas peças "e", "f" e "g", o processo de confecção foi concluído; poderiam ter sido utilizados em atividades têxteis. Dois destes estão fragmentados, o "e" e o "g", mas, neste último, trata-se de fratura recente. No caso do tortual "e", a fratura é anterior. Observando detalhadamente do furo deste, a impressão que se tem é que o artefato tenha se partido durante o processo de perfuração do furo, devido à sua forma, onde se nota uma extremidade que se fragmentou, formando um bico. Outro detalhe: a questão de o furo ter sido feito justamente no ângulo inflectido de um bojo, se observado de perfil, provocando uma fratura regular.

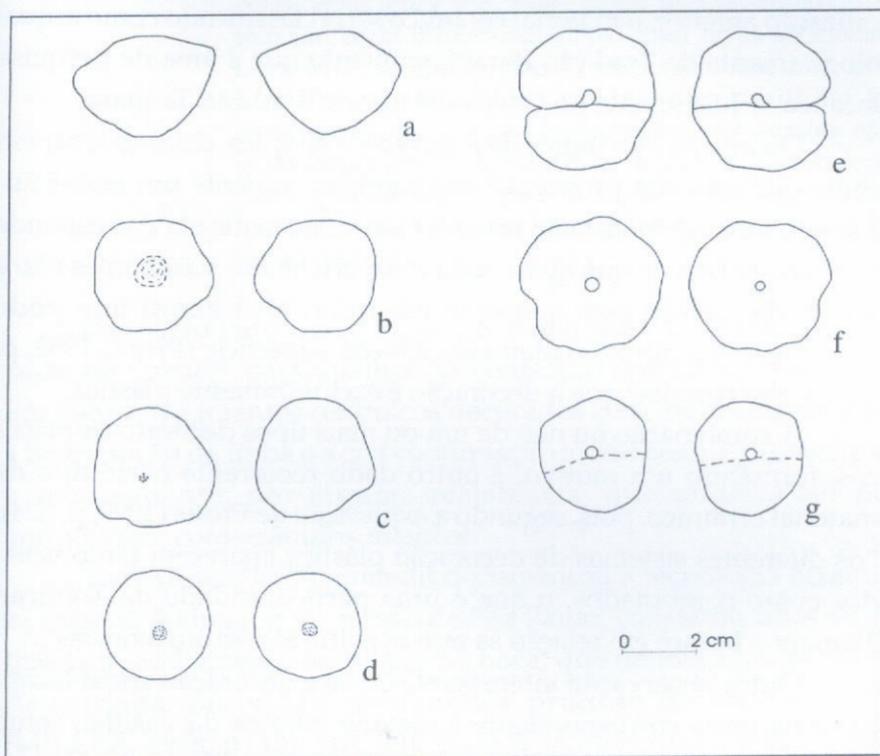


Figura 7: Tortuais de fuso. Cadeia do processo de confecção do instrumento: face externa (direita) e interna (esquerda). Os tortuais de fuso da coluna da direita estão representados com a sua respectiva cor em cada face. Desenho: Ana Lucia Herberts. Arte gráfica: Alexandre Afonso de Souza.

Com relação ao material cerâmico do sítio lito-cerâmico SC-AG-40, pode-se tecer considerações importantes, além de cruzar dados significativos para a compreensão e interpretação do papel da cerâmica no sítio, assim como a relação com as tradições arqueológicas ceramistas não Tupiguarani, associadas aos grupos Gê no Brasil meridional (tradições Taquara e Itararé).

A proporção de fragmentos simples, neste sítio, foi maior (93,81%) em relação aos com decoração plástica (6,02%). Em geral, "a cerâmica Itararé se caracteriza pela raridade da decoração, que nunca atinge 10% dos cacos, e raramente 5%" enquanto que "a frequência da decoração nos cacos [da tradição Taquara] é bem maior do que na região setentrional" (PROUS, 1992, p. 322, 324). Segundo a generalização anterior, o material cerâmico seria classificado como arqueologicamente da Tradição Itararé, enquanto que a área de pesquisa localiza-se justamente no centro difusor da Tradição Taquara.

Quanto ao alto índice de fragmentos simples, deve-se levar em conta que esta alta proporção não significa somente um maior número relativo de potes não ornamentados, mas que ela corresponde também ao fato de que quase toda a superfície dos vasilhames não é decorada, sendo esta somente em uma faixa zonal que pode corresponder a aproximadamente 25% da superfície (Prous, 1992, p. 324). Cabe ressaltar que a decoração é exclusivamente plástica.

A combinação ou não de um ou mais tipos decorativos plásticos, formando um motivo, é outro dado recorrente neste tipo de material cerâmico, pois, segundo a explicação de Prous (1992, p. 324): "os diferentes sistemas de decoração plástica aparecem tanto isolados como combinados, o que é uma particularidade da Tradição Taquara - Itararé em relação às outras culturas não amazônicas".

Outra observação interessante é que a decoração zonal localiza-se na parte correspondente à metade inferior da vasilha, como se pode constatar nas vasilhas reconstruídas graficamente. Em nenhum fragmento a decoração apareceu junto ao lábio ou borda.

Na cerâmica da tradição Itararé, "quando existe decoração, esta parece restrita às partes superiores de vasos particularmente

pequenos”; já na Taquara, a decoração cobriria uma superfície maior do vasilhame “permanecendo liso apenas o fundo e uma estreita faixa ao longo dos lábios” (PROUS, 1992, p. 322, 324). Levando em conta estas distinções quanto à posição da decoração na vasilha, o material cerâmico com decoração plástica não se encaixaria em nenhuma das tradições arqueológicas.

Quanto à técnica de ornamentação plástica dos vasilhames cerâmicos coletados, principalmente dos tipos incisos, caracterizados por linhas finas, estreitas e em muitos casos equidistantes próximos, pode-se dizer que foram realizados em pasta seca, pois, segundo Prous (1992, p. 94):

As incisões feitas com pasta ainda úmida são largas e têm um corte transversal em U, com leves saliências laterais. Já as incisões feitas na pasta seca, com um buril, formam linhas mais irregulares, com perfil em V, demonstrando a resistência da matéria. As incisões em pasta fresca podem ser feitas uma a uma, ou com um pente (por exemplo, uma lasca de bambu com várias incisões), o que provoca a formação de pequeno grupo de linhas paralelas.

Por outro lado, acredita-se que tenha sido utilizada uma espécie de “pente” para auxiliar na confecção das linhas paralelas. Em alguns fragmentos cerâmicos decorados com inciso, observa-se a interrupção da linha e a sua continuação logo a seguir, provocada, provavelmente, por alguma resistência, que poderia ser no antiplástico, com grânulos maiores.

Tom Miller (1978), quando documentou a tecnologia cerâmica entre os Kaingang do estado de São Paulo, constatou duas vasilhas com acabamento ondulado na boca, que denominou de “borda pinçada, ondulada, obviamente produto de aculturação” (MILLER, 1978, p. 15). Sua referência à aculturação dos Kaingang como influência na confecção de vasilhas com borda ondulada não se confirma, se for tomado como exemplo o material arqueológico do sítio SC-AG-40, onde tal situação é observada.

Salienta-se que este sítio foi datado pelo método de carbono 14, fornecendo a data de 1640 AD já calibrada. Além disso, o sítio não teve qualquer indício de contato histórico. Pode-se dizer então que a presença de bordas com acabamento ondulado, embora não seja típica nas vasilhas Kaingang, relacionadas na arqueologia à tradição Taquara, ocorrem esporadicamente e não são frutos de contato.

Um elemento pouco recorrente nos vasilhames cerâmicos nesta região é a presença de furos de suspensão. Estes podem ocorrer isolados ou aos pares. Em material da fase Guatambu, foram “encontradas cordas que seguravam as vasilhas por meio de um nó feito no interior” (PROUS, 1992, p. 324). Em somente um fragmento de borda foi constatado furo para suspensão. Caso fosse possível remontar uma área equivalente a um perfil completo de uma vasilha com furo de suspensão, poder-se-ia constatar a evidência de suspensão do vasilhame sobre fogo, por exemplo, pois a presença de fuligem nas bases indica uso suspenso sobre o fogo, enquanto que nas paredes indica uso dentro do fogo.

Com o cruzamento das variáveis vasilha x marcas de uso, foi constatada a existência de: 3 vasilhas com sinais de fuligem externa, 10 com queima interna, 7 com restos de alimentação carbonizada no interior, 1 com queima interna e externa e 18 com ausência de marcas de uso. Se for utilizada a identificação do atributo resto de alimentação carbonizada no interior como indicativo de uso da vasilha para cozer ou processar alimentos, pode-se sugerir a sua função, ou seja, as vasilhas de número 947, 2982 e 2163 poderia ter sido usadas como panelas, com exceção, no entanto, não deve ser o caso da primeira, que possui tamanho e volume pequeno, mais propicia a função de consumo.

O cruzamento das variáveis vasilha x brunidura deve-se ao fato de que a presença da brunidura melhoraria a impermeabilidade das vasilhas. Segundo este critério estas poderiam talvez ser indicativo para o armazenamento de líquidos.

Além dos fragmentos de vasilhames cerâmicos, outros objetos foram encontrados no sítio SC-AG-40: os tortuais de fuso, também chamados de rodela de fuso e encontrados em outras regiões

do Brasil (PROUS, 1992, p. 95). Os tortuais de fuso foram feitos a partir do reaproveitamento de fragmentos cerâmicos, com forma discoidal com um furo no centro, tamanho médio de 3,5cm de diâmetro e espessura entre 6 e 8cm. Não se descarta a hipótese de os tortuais de fuso que não foram acabados terem sido abandonados durante o processo de confecção, por razões desconhecidas, por não atingir a morfologia certa para o uso desejado ou por falha em uma das etapas do processo de confecção. A presença destes instrumentos indica a fabricação de tecidos e o uso de fibras têxteis vegetais. Não foram encontrados vestígios têxteis ou fibras vegetais nas escavações, assim como materiais fito-faunísticos, devido ao processo de não conservação. Isto por outro lado não atesta o não aproveitamento destes recursos, por parte de populações pré-históricas, apenas não se teve até o momento, na área de pesquisa, comprovação específica de tais vestígios.

Entretanto, em abrigos, onde podem ocorrer condições propícias à conservação de cultura material orgânica, vestígios de trançados e têxteis foram localizados.

Finalmente, acredita-se que, com a produção em larga escala de vasilhames cerâmicos muito bem ornamentados, associados à presença de tortuais de fuso, indicativo de atividades têxteis, o sítio SC-AG-40 corresponda a um sítio-habitação, uma aldeia.

Análise da Indústria Lítica

Na análise do material lítico do sítio SC-AG-40 – conjunto constituído por 788 peças líticas – levou-se em conta tanto a procedência e aquisição da matéria-prima, quanto os aspectos tecno-tipológicos e funcionais dos artefatos, realizando-se a análise individual das peças. Foram igualmente considerados os aspectos que caracterizam os sítios, como localização na paisagem, geologia, dimensões e densidade dos achados.

Convém ressaltar que a análise tecno-tipológica e funcional enfoca um processo que é, acima de tudo, dinâmico, onde os atri-

butos do material lítico não podem ser analisados isoladamente. Os atributos que deram suporte ao estudo estão baseados nos trabalhos de Brézillon (1977), Mansur (1986/90), Tixier et al (1980), Vialou (1980), Laming-Emperaire (1967), Moraes (1987), Semenov (1981) e Binford (1963).

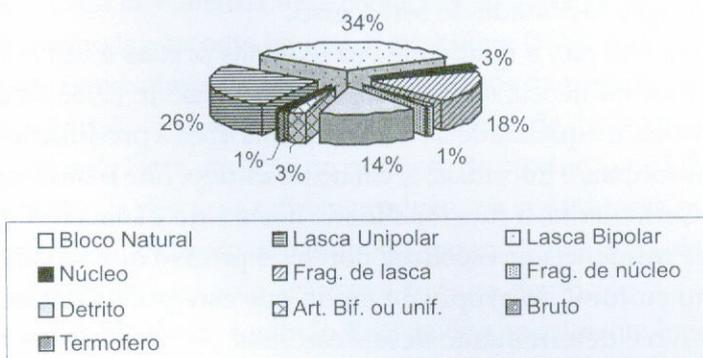
O que se tem observado na maioria dos trabalhos relativos às indústrias líticas, são abordagens tipológicas limitadas a uma descrição do material, procurando apenas definir a sua funcionalidade, caracterizando-os de forma a enquadrá-los como pertencentes à uma determinada tradição. Mas considerando-se a variabilidade funcional dos artefatos, não se pode falar, por exemplo, de raspadores enquanto não se efetuar uma análise traceológica adequada tendo em vista as marcas de utilização. As meras descrições, quando não acompanhadas de um estudo tecnológico funcional que interprete a organização de uma dada indústria lítica, podem induzir a equívocos no momento de classificá-la.

O objetivo deste trabalho não é denominar artefatos e diferenciá-los em tipos (morfológicos ou funcionais), procedimento da maioria dos pesquisadores. O que interessa é a análise dos aspectos técnicos que deram forma ao artefato, desde sua forma básica até as modificações ocorridas, entendidas aqui como retoques e marcas de uso. Assim, tentando-se evitar erros de terminologia, não utilizou-se, por exemplo, os termos: raspadores sobre lascas, raspadores sobre núcleos, facas, lesmas etc.. Segundo A. Vialou (1980, p. 64-65) não só as tipologias funcionais como as morfológicas chegam, às vezes, aos mesmos erros. Para a autora “[...] a tipologia, a saber, o reconhecimento dos utensílios e sua classificação em tipos, quando se fundamenta em dados tecnológicos, tem acesso tanto ao particular como ao universal; sabe reconhecer em que uma indústria é original, única mesmo; sabe simultaneamente mostrar em que se inscreve num contexto geral, local, regional ou mais vasto ainda [...]”.

Para Collins (1989/90, p. 51), a manufatura dos instrumentos, embora siga um procedimento linear, não invalida a possibilidade de analisá-la em etapas, mesmo que estas etapas não sejam suficien-

temente distintas, em termos de procedimento e rendimento, a ponto de individualizá-las. O autor refere-se a estas etapas como "grupo de produtos", onde cada grupo contém características próprias com qualidades de rendimento diferentes entre si, mas de forma que o rendimento de dada etapa ou grupo dependa do rendimento anterior. Seu modelo de análise é composto de cinco etapas, que são: obtenção da matéria prima, preparação e redução inicial de núcleos, lascamento primário opcional (modificação primária), lascamento secundário e formatação opcional (modificação secundária) e conservação ou modificação opcional de peças desgastadas pelo uso. Segundo o autor, cada grupo de produtos, exceto o primeiro, consiste de duas classes de materiais: os produtos de dejetos (resíduos de lascamento) e os objetos destinados a maior redução ou uso (COLLINS, 1989/90, p. 52).

Formas básicas SC-AG 40



Quanto à seleção da matéria prima, esta revela como estas populações indígenas utilizavam o espaço geográfico e cultural, a fim de explorar as diversas fontes de matéria prima disponíveis. A região, litologicamente, é formada por rochas vulcânicas (basálticas), associadas à calcedônia e quartzo, pertencentes à Formação Serra Geral, os arenitos da Formação Botucatu e os arenitos intertrâpicos. Todas estas rochas fazem parte da bacia sedimentar do Paraná.

A indústria lítica de outros sítios próximos ao SC-AG-40 é formada na sua grande maioria por artefatos confeccionados sobre blocos de basalto. Porém, exceção a esta ordem ocorre no sítio SC-AG-40 onde a calcedônia, com 62%, foi a matéria prima mais utilizada.

Os artesãos optaram, na sua maioria, pelas matérias primas disponíveis na forma de blocos, ao invés de seixos e placas. Os percentuais de blocos (quase sempre mais do que 50%), nos conjuntos líticos, excede em muito os seixos (menores que 15% ou até inexistentes). Isto, certamente, se deve à proximidade dos afloramentos de basalto aos locais de assentamento, em torno de 500m ou 1km; inclusive, foi possível identificar alguns artefatos isolados (lascas ou peças bifaciais) sobre estes afloramentos, o que possibilita assegurar a passagem dos artesãos no local. E a preferência dos artesãos pela calcedônia, constatada no sítio SC-AG-40, está diretamente relacionada à percussão bipolar – técnica empregada por eles na confecção dos seus artefatos. Pode-se concluir, portanto, que a escolha da matéria prima está tanto ligada à sua abundância quanto à facilidade de seu acesso.

No entanto, a qualidade das matérias primas é um outro fator que exerce influência nestas escolhas. Andrefski Jr. (1988) relaciona a abundância e a qualidade da matéria prima lítica à produção de instrumentos formais e informais; e, em nosso estudo, este parece ser o caso.

Certamente, a funcionalidade deste sítio é mais um dos fatores que influencia as escolhas; porém, é preciso que se considere o aspecto cultural do grupo, de modo que este pode ter sido o fator definitivo e determinante destas escolhas.

Dependendo do tipo das técnicas de lascamento o produto resulta em lascas unipolares ou bipolares. São lascas que, por apresentarem características bastante peculiares, são perfeitamente identificáveis.

Crabtree (1972, p. 11-12) também denomina o lascamento unipolar de lascamento por percussão direta ou lascamento controlado. Os passos técnicos associados ao lascamento unipolar são descritos da seguinte forma por Prous:

Segundo a técnica mais clássica, dita de lascamento unipolar, o artesão ou o experimentador segura um bloco (núcleo) de matéria prima na mão direita. Escolhendo um superfície adequada (plano de percussão), bate nestas para retirar lascas de um bloco. Esta operação deve ser feita em função de normas estritas, sendo uma delas a de que o ângulo entre o plano de percussão e a parte externa do bloco a ser lascado seja igual ou inferior a 90° (senão não haverá lascamento) (PROUS, 1986/1990, p. 17-18).

Em função dos sucessivos golpes desferidos em sua superfície, os núcleos unipolares apresentam-se vincados de cicatrizes que correspondem ao negativo da face interna das lascas que se desprenderam. Tanto a cicatriz deixada no núcleo, quanto à face interna da lasca unipolar apresentam evidências da dispersão do impacto que provocou o lascamento, na forma de ondas de força. A força do golpe faz com que parte da plataforma percutida desprenda-se do núcleo, formando o talão da lasca. A percussão também produz, na lasca unipolar, um bulbo marcado de onde divergem as ondas de força, conferindo a sua face interna uma conformação levemente côncava.

Quanto ao lascamento bipolar, Rüttschilling (1989, p. 47) diz que proporciona o rompimento de pequenos núcleos de matéria prima, a partir de percussão com apoio. O termo bipolaridade dá-se em função dos dois pólos de força em ação no processo de produção de lascas. O golpe no plano de percussão direta produz uma contra-força no ponto de apoio (plano de percussão indireto), gerando dois pólos de força em oposição linear, cuja ação acarreta a ruptura do núcleo.

As lascas bipolares, segundo Rüttschilling, geralmente tem duas faces planas, ou ligeiramente planas, onde nas extremidades são visíveis plataformas opostas correspondentes às zonas de impacto direto e indireto. A face mais plana quase sempre é interna. A face externa apresenta freqüentemente irregularidades provocadas por lascamentos ou desprendimentos anteriores. Segundo a autora, quando a direção do golpe se faz em um ângulo diferente de 90° com a superfície do núcleo, a propagação do mesmo não atingirá a extremidade oposta apoiada. O golpe se dissipará em outra direção, podendo gerar lascas com bulbo positivo ou sem ponto de percussão indireto (RÜTSCHILLING, 1989, p. 50).

Prous e Lima descrevem os procedimentos técnicos associados ao lascamento bipolar da seguinte forma:

A peça a ser debitada é colocada verticalmente sobre a face plana de uma bigorna de rocha, preferencialmente resistente [...] O batedor é segurado em uma das extremidades, mas será usada uma parte próxima ao centro da face (nunca as extremidades; sob pena de machucar a mão que segura o bloco a ser debitado). Algumas percussões leves devem provocar a saída de lascuinhas curtas do bloco, tanto do lado proximal (o que recebe o impacto do batedor), quanto do lado distal (em contato com a bigorna); estes golpes preliminares esmagam ambas as zonas percutidas e visam assentar a peça melhor sobre a bigorna [...] e a debitação pode ser iniciada com golpes mais violentos. É geralmente aconselhável provocar um rachamento total do bloco núcleo com uma pancada violenta, apertando o núcleo entre os dedos. Assim sendo, o bloco se separa em duas metades (por vezes um seixo pode rachar em 3 ou 4 gomos) [que] [...] podem servir de núcleos para obter lascas finas e muito cortantes" (PROUS; LIMA, 1986/1990, p. 97-98).

O estudo da dispersão dos resíduos de bipolaridade pelos autores revelou que "a dispersão dos produtos de debitação a partir da bigorna se faz em um ângulo de no máximo 110° à frente e a direita do experimentador. As peças maiores ficam entre os dedos, as de tamanho médio saltam até 30 cm e os estilhaços podem ir até 1 metro de distância" (PROUS; LIMA, 1986/1990, p. 98).

No sítio SC-AG-40, as lascas bipolares chamam a atenção por suas porcentagens. Observa-se ainda que há 18% de fragmentos de lascas e 14,5% de detritos, e estes, na sua maioria em calcedônia, 56% e 72,5% respectivamente. Esta relação sugere a possibilidade de estes resíduos serem também de lascamento bipolar.

A relação direta que se estabelece entre tipo de matéria prima (calcedônia) e técnica de produção (bipolar) observada em outros trabalhos, neste estudo, também se confirma. Têm-se lascas unipolares, predominantemente, de basaltos, e lascas bipolares, predominantemente, de calcedônias, numa média consideravelmen-

te alta de 83,6%. Esta correlação ainda não está muito clara na bibliografia. Mas o fato das calcedônias apresentarem-se naturalmente sob a forma de pequenos geodos, quando da erosão das rochas basálticas, faz com que a técnica bipolar seja a mais adequada, devido as pequenas dimensões deste tipo de matéria prima.

A ausência de superfície natural verificada na maioria das lascas de todo o conjunto indica que a redução inicial dos artefatos não ocorreu no local de assentamento, isto é, os artesãos trouxeram os blocos já inicialmente preparados para o sítio. Este procedimento talvez esteja relacionado às grandes dimensões destas massas de matéria prima, de modo que, para evitar o gasto de energia no seu transporte, estas seriam reduzidas no seu volume.

Evidencia-se entre os tipos de lascas unipolares uma forte predominância das lascas de preparação (97%). Segue em ordem decrescente de popularidade as lascas corticais (2%) e as lascas tipo lâmina (1%).

Dos tipos de núcleos encontrados no sítio, 40% são em calcedônia, e se destacam os fragmentos de núcleos com uma porcentagem de 70%. Além disso, a significativa quantidade de lascas bipolares de calcedônia (99%), associadas a uma razoável quantidade de núcleos bipolares, sugere que a redução inicial dos núcleos – segunda etapa de Collins (1989/90, p. 51) – se deu dentro da área de assentamento.

Os núcleos mais populares são os que possuem várias plataformas em outras posições (43%) e os núcleos bipolares (24%). Em menor quantidade, apresentam-se os núcleos unipolares com duas plataformas bidirecionais em ângulo (19%) e os que possuem apenas uma plataforma de percussão (14%).

Para a análise funcional, dispunha-se apenas de uma lupa binocular de baixo aumento (20X), não sendo possível, por isso, uma análise mais criteriosa dos vestígios de utilização. É preciso, sem dúvida, além de microscópios de grande aumento (eletrônicos), estudos experimentais controlados com matérias-primas semelhantes, para obter uma análise segura. Identificamos apenas aquelas marcas possíveis de serem vistas com a lupa e freqüentemente questionamos

se as marcas como as microfaturas correspondiam à utilização ou, simplesmente, a retoques intencionais feitos pelo artesão. Semenov atentou para esta questão quando identificava sinais de desgaste em ferramentas de sílex paleolíticas: “[...] com frequência estes sinais de uso não se diferenciam dos deixados pelo retoque feito pelo homem para aguçá-la a borda desgastada ou para retirar o filo de uma borda demasiado aguda” (SEMENOV, 1981, p. 14).

Os artefatos bifaciais apresentaram lascamentos tanto dorsais quanto ventrais numa mesma zona da borda de uma peça; e os unifaciais apresentam lascamentos dorsais ou ventrais numa mesma zona da borda da peça. São peças que apresentam uma técnica de confecção que lhes é peculiar: uma seqüência de modificações (reduções e retoques) ao longo de toda a borda dorsal e/ou ventral da peça (neste caso: face 1, com maior quantidade de negativos de lascamento e, face 2, com menor quantidade de negativos de lascamento). Considerou-se igualmente para análise a forma das extremidades da peça, isto é, se a terminação é pontiaguda ou não. Deste modo, a análise dos negativos das modificações e da forma da peça permitiu definir se os artesãos de um mesmo grupo de caçadores coletores, ao confeccionarem seus artefatos bifaciais e unifaciais, obedeciam a uma seqüência de gestos técnicos pré-estabelecidos. Portanto, nosso objetivo foi verificar a existência de um padrão de produção de artefatos bifaciais.

Os artefatos bifaciais/unifaciais freqüentemente apresentaram-se cobertos por superfície natural e confeccionados em basaltos friáveis de baixa qualidade. Indicam, portanto, trataram-se de peças informais, isto é, produzidas para o uso imediato.

No que se refere aos tipos tecnológicos dos artefatos bifaciais e unifaciais, esta indústria lítica apresentou preferencialmente (35%), artefatos com retiradas periféricas bifaciais em todo o contorno (ou apenas em uma lateral), e uma terminação em ponta. Em menores quantidades, os artefatos com retiradas periféricas bifaciais em todo o contorno (ou apenas em uma lateral), e sem terminação em ponta (30%); os artefatos que possuem retiradas periféricas bifaciais, parte proximal cortical e terminação em ponta (26%) e por fim, os artefatos com reti-

radas periféricas unifaciais em todo o contorno (ou apenas em uma lateral) e uma terminação em ponta (4,5%) e com retiradas periféricas unifaciais em todo o contorno e duas terminações em pontas (4,5%).

Quanto aos artefatos brutos e polidos, no sítio SC-AG-40 foram identificados um percutor multifuncional e cinco alisadores de cerâmica.

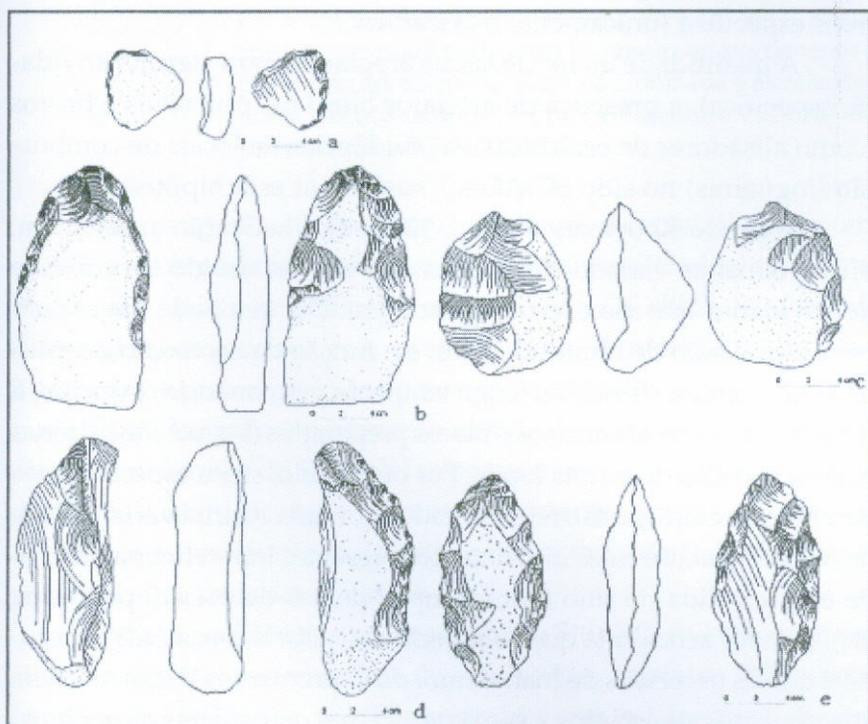


Figura 8: (a) Bloco natural de calcedônia com retoque em ambas as faces e 1/2 de superfície natural; (b) artefato com retiradas bifaciais em uma extremidade apenas com terminação em ponta, sobre bloco, com 2/3 de superfície natural; (c) artefato bifacial com retiradas periféricas e sem terminação em ponta, sobre bloco de calcedônia, com 2/3 de superfície natural; (d) artefato com retiradas bifaciais, parte proximal cortical e terminação em ponta, sobre bloco de basalto, com 1/3 de superfície natural; e (e) artefato bifacial, com retiradas periféricas em todo o contorno e uma terminação em ponta, sobre bloco de basalto, com 1/3 de superfície natural. Desenho: Adelson André Brüggemann. Arte gráfica: Alexandre Afonso de Souza e Letícia Morgana Muller.

A proximidade geográfica existente entre os sítios SC-AG-40 e SC-AG-47, associada a duas indústrias líticas semelhantes quanto ao seus conteúdos (formas básicas) e ainda a presença, em ambas, de fragmentos cerâmicos, permite sugerir que estes assentamentos encontravam-se interligados. O sítio SC-AG-40 parece ter sido o local de atividades domésticas (sítio habitação) do grupo e o sítio SC-AG-47, seria uma extensão deste; porém, com uma atividade mais específica (unicamente o lascamento).

A quantidade maior de lascas bipolares (para alguma atividade específica), a presença de artefatos bifaciais/unifaciais e brutos (como alisadores de cerâmica) e as evidências de locais de combustão (fogueiras) no sítio SC-AG-40, sustentam esta hipótese.

Segundo Kooyman (2000, p. 129), sítios habitação apresentam, provavelmente, variados tipos de instrumentos, devido à variedade de atividades que são executadas no local. Diz que pode haver também a produção de muitos detritos, em função da confecção e reparo de instrumentos, devido ao longo tempo de permanência do grupo. E podem, inclusive, ter núcleos e blocos preparados (blanks) de matérias primas trazidas de outros locais. Por outro lado, sítios especializados (tarefas específicas) estão representados por uma restrita variabilidade de instrumentos; e estes instrumentos presentes irão refletir a atividade empreendida no sítio (por exemplo, pontas de projétil para caça, etc). O autor acrescenta que “o aspecto mais óbvio desta área de estudo é que os processos de manufatura de instrumentos líticos se fazem através de vários estágios, e somente estágios particulares ou conjunto de estágios poderiam evidenciar um tipo particular de sítio”. Se assim for, nossa hipótese se confirma.

Porém, segundo Dias; Hoeltz (2002), é preciso reorientar as estratégias de análise de sítios líticos associadas a sistemas de assentamentos de grupos ceramistas, a fim de verificar a veracidade das definições aceitas atualmente, para os caçadores coletores do sul do Brasil.

Considerações finais

Os modos como os seres humanos ocupam seus espaços e organizam espacialmente suas atividades são elementos extremamente importantes de diagnóstico cultural, já que o uso humano do espaço é padronizado.

Os seres humanos são criaturas de padrões – nossa cultura material é padronizada, nosso comportamento é padronizado, nossa cultura é padronizada e as relações entre cultura material, comportamento e cultura são padronizadas (KENT, 1987).

Esta ocupação ceramista apresenta um uso complexo do território, envolvendo sítios funcionalmente diversificados, cerimoniais, de atividades específicas e residenciais. Os sítios residenciais diferenciam-se, por sua vez, entre unidades domésticas escavadas e protegidas para o período do inverno e unidades domésticas menos elaboradas para o período do verão. As estruturas arqueológicas mais próximas do Rio Pelotas parecem ter sido voltadas a atividades restritas, de caça e coleta, enquanto que as estruturas residenciais, de duração mais longa e maior densidade demográfica, encontram-se mais afastadas do rio.

Todas as evidências apontam para o Sítio SC-AG-40 como um sítio residencial: testemunhos de combustão, artefatos líticos com funções diversificadas, vasilhas cerâmicas com morfologia e dimensões variadas, tortuais de fuso para atividades têxteis.

As datações obtidas indicam a presença dos portadores da Tradição Taquara na área ao menos por 200 anos (entre 1440 e 1640 AD), podendo esta data estender-se ainda mais no tempo, tanto para antes de 1440 quanto para depois de 1640.

A este amplo período certamente corresponderam alterações no padrão de assentamento, reveladoras do dinamismo cultural dos antepassados dos Kaingang. Infelizmente, não foi possível relacionar as estruturas contemporâneas entre si, pelo fato de só se ter

sido conseguido material datável em dois sítios arqueológicos. No entanto, as análises da cultura material, onde todos os elementos formadores do sítio arqueológico receberam a mesma atenção, contribuíram para uma visão integrada e dinâmica das funções dos materiais não perecíveis no cotidiano dos antepassados dos Kaingang que ocuparam o oeste catarinense.

A possibilidade de alguns dos sítios líticos registrados na área de estudo pertencerem à denominada Tradição Humaitá (hoje alvo de pertinentes estudos de reavaliação) parece descartada. E a importância das atividades de lascamento da pedra pelos ceramistas da Tradição Taquara fica reforçada, demonstrando o hábito de se subestimar a importância dos artefatos líticos entre populações ceramistas. Ao menos entre os antepassados dos Kaingang, a fabricação de artefatos de pedra lascada como utensílios importantes para suas atividades cotidianas mostra ter sido decisiva nos modos de ocupação do espaço regional, constituindo a busca e transformação de matéria-prima atividades em que dispndiam altas doses de tempo e energia.

Referências

- ANDREFSKI, W. *Lithics: macroscopic approaches to analysis*. Cambridge University Press, 1988.
- BINFORD, L. R. A Proposed Attribute List for the Description and Classification of Projectile Points. *Anthropological Papers. Miscellaneous Studies in Typology and Classification*, University of Michigan, p. 193-221, 1963.
- BRÉZILLON, M. N. *La Dénomination des Objets de Pierre Taillée: Matériaux pour un Vocabulaire des Préhistoriens de Langue Française*. Paris: Gallia Préhistoire, 1977, 423 p.
- CHMYZ, I. (Ed.). Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. *Manuais de Arqueologia n. 1*. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas. Curitiba, 22 p. 1966.

_____. Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. Parte II. *Manuais de Arqueologia n° 1*. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 8 p. 1969.

COLLINS, M. B. *Una Propuesta Conductual para el Estudio de la Arqueología Lítica*. Etnia. Buenos Aires, n° 34-35, p. 47-65, 1989/1990.

CRABTREE, D.E. *An introduction to flintworking*, Occasional Papers of the Idaho State University Museum, 1972, n. 28.

DIAS, A S. & HOELTZ, S. E. Havia uma pedra no meio do caminho: indústrias líticas das tradições Taquara e Guarani na região do Alto Rio dos Sinos. Comunicação apresentada no 3º encontro do núcleo regional sul da sociedade de arqueologia brasileira, PUCRS, Porto Alegre, novembro, 2002.

HAYDEN, B. & KAMINGA, J. An Introduction to Use-Wear: The First CLUW. In: HAYDEN, B. (Ed.) *Lithic Use-Wear Analysis*. New York: Academic Press, 1979, p. 1-13.

KENT, Susan. *Method and Theory for Activity Area Research: an ethnoarchaeological approach*. New York, Columbia Univ. Press, 1987.

KOOYMAN, B.P. *Understanding stone tools and archaeological sites*. University of Calgary Press/University of New Mexico Press. Canada, 2000.

LA SALVIA, F. & BROCHADO, J. P. *Cerâmica Guarani*. 2ªed. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LAMING-EMPERAIRE, A. Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul. *Manuais de Arqueologia*. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná, n° 2, 1967. 155p.

MANSUR, M. E. Instrumentos Líticos: Aspectos da Análise Funcional. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais, V.11, p. 115-171, 1986/1990.

MELLO, Paulo Jobim Campos. *Escavação por amostragem: exemplos dos sítios GO-CA-21 e AM-CO-04*. Revista Divulgação Científica, v. 3 1999, p. 153-163.

MILLER JR, Tom. Tecnologia cerâmica dos Caingang paulistas. Arquivos do Museu Paranaense. N o. 2, 1978, p. 3-51.

MORAES, J. L. A Propósito do Estudo das Indústrias Líticas. Revista do Museu Paulista. Nova Série. São Paulo: Universidade de São Paulo, V. 32, p. 155-184, 1987.

ORTON, C. *Sampling in Archaeology*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 2000.

PROUS, A. Os artefatos líticos, elementos descritivos classificatórios. Arquivos do Museu de História Natural, Belo Horizonte, UFMG, 11: 1-90, 1986/90.

_____. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Unb, 1992.

PROUS, A.; LIMA, M. A Tecnologia de Debitagem do Quartzo no Centro de Minas Gerais: Lascamento Bipolar. Arquivos do Museu de História Natural. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, V. 11, p. 91-111, 1986/1990.

RÜTHSHILING, A. L. B. *Pesquisas arqueológicas no baixo rio Camaquã*. Documentos. São Leopoldo, 1989.

SEMENOV, S. A. *Tecnologia Prehistorica: Estudio de las Herramientas y Objetos Antiguos a Través de las Huellas de Uso*. Madrid: Akal Ed., 1981, 376p.

SOUZA, A. M. *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro: ADESA, 1997, 140 p.

TIXIER, J.; INIZAN, M.-L.; ROCHE, H. *Préhistoire de la Pierre Taillée: terminologie et technologie*. C. R. E. P., Valbonne, 1980.

VIALOU, A. V. *Tecno-Tipologia das Indústrias Líticas do Sítio Almeida em seu Quadro Natural, Arqueo-Etnológico e Regional*. São Paulo, 1980. 341p. Tese de Doutorado, Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Univ. de São Paulo, 1980.

Abstract

This paper presents field and laboratory procedures carried out to evaluate, rescue and analyze an archeological site found during the archeological survey of the area occupied to build the Barra Grande hydroelectrical station, on the right border of the Pelotas River. The research made showed a residential site in open field as a part of a wide and diversified settlement system of the ancestors of the indians known in History as the Kaingang who occupied and exploited both margins of the Pelotas River. The artifacts found have characteristics of the usually called Taquara Tradition, and consist on typological and functional diversified pottery, including varied pots and textile artifacts, and lythics produced by flintknapping or used unmanufactured as hammers or polishers. In this paper the role (as important as pottery's one, usually given outstanding treatment in specialized litterature) of the lythic manufacture as a distinctive element of the southern brazilian pre colonial indians cultural identity is stressed.

Keywords: Kaingang Archaeology; Pelotas River; Taquara Tradition